

Educação e sociedade: uma discussão a partir dos autores Émile Durkheim e Antonio Gramsci

Education and society: a discussion based on the authors

Émile Durkheim and Antonio Gramsci

Francieli Betiate

Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, Brasil

Maria Helena da Silva Arceles

Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, Brasil

Aparecida Favoreto

Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, Brasil

Resumo

Este artigo tem como objetivo explorar o conceito de Educação apresentado por Émile Durkheim e Antonio Gramsci, levando em consideração os contextos históricos de cada autor. A análise é baseada em uma revisão bibliográfica das obras *A Educação e a Sociologia* (1892) e *Cartas do Cárcere*, escritos do caderno 12 publicado em 1948 e 1951. Os resultados obtidos apontam que, para Durkheim, a educação desempenha um papel fundamental na transmissão e na internalização da moral social, adequando os indivíduos para se integrarem à sociedade. Já para Gramsci, a educação, por intermédio da pedagogia, mostra-se como instrumento mediador e fundamental no processo de compreensão da sociedade, possibilitando o desenvolvimento da consciência da posição social, podendo contribuir com a transformação da sociedade, pois desafia as estruturas de poder e promove a emancipação das classes subalternas.

Palavras-chave: pedagogia; consciência; transformação social.

Informações do artigo

Submetido em 07/08/2024

Aprovado em 09/05/2025

Publicado em 15/05/2025.



<https://doi.org/10.25247/P1982-999X.2025.v25n2.p41-56>

Copyright (c) 2025 Francieli Betiate, Maria Helena da Silva Arceles, Aparecida Favoreto.



Esta obra está licenciada sob uma licença
[Creative Commons CC By 4.0](#)

Abstract

This article aims to explore the concept of Education presented by Émile Durkheim and Antonio Gramsci, considering the historical contexts of each author. The analysis is based on a bibliographical review of the works "Education and Sociology" (1892) and "Prison Notebook", writings from Notebook 12 published in 1948 and 1951. The results show that, for Durkheim, education plays a fundamental role in the transmission and internalization of social morals, adapting individuals to integrate into society. For Gramsci, on the other hand, education, through pedagogy, is shown to be a mediating and fundamental instrument in the process of understanding society and can develop an awareness of social position, contributing to the transformation of society, as it challenges power structures and promotes the emancipation of the subaltern classes.

Keywords: pedagogia; consciência; social transformation

Como ser citado (modelo ABNT)

BETIATE, Francieli; ARCELES, Maria Helena da Silva; FAVORETO, Aparecida. Educação e sociedade: uma discussão a partir dos autores Émile Durkheim e Antonio Gramsci. *Ágora Filosófica*, Recife, v. 25, n. 2, p. 41-56, maio/ago, 2025.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo tem por objetivo explorar o conceito de educação nos escritos de Antonio Gramsci (1891-1937) e de Émile Durkheim (1858-1917), porém, não de forma isolada, mas em relação ao período de produção das obras. Nesse sentido, observamos os principais acontecimentos, os quais, de alguma forma, lançaram desafios para a educação escolar.

Para tanto, no que se refere a Durkheim, priorizou-se a leitura da obra *A Educação e a Sociologia*, composta por três discursos produzidos pelo autor no final do século XIX. Nessa obra, Durkheim aponta que a educação é um fato social e, como tal, se constitui como ciência, a qual, fundamentada na História, na Sociologia e na Psicologia, poderia gerar um novo ser no homem, contribuindo com o progresso da sociedade.

Com relação a Antonio Gramsci, por sua vez, entre as diversas temáticas abordadas na obra *Cadernos do Cárcere*, priorizamos neste estudo o *Caderno 12*, que contém elementos importantes para pensar a educação escolar. Escrito em 1932, o *Caderno 12* destaca o caráter político da educação e, nesse sentido, Gramsci pontua que a educação, por meio da pedagogia, poderia desenvolver a consciência histórica e crítica, instrumentalizando a todos, inclusive as classes subalternas para agirem politicamente.

Diante de tais considerações, é válido analisar o conceito de Educação desses teóricos, visto que ambos são influentes no debate educacional brasileiro. Assim, espera-se que o conjunto das reflexões apresentadas possa subsidiar as discussões, não só sobre a educação, mas também acerca da sociedade em processo de transformação.

2 ÉMILE DURKHEIM E A EDUCAÇÃO COMO QUESTÃO DE AUTORIDADE

O sociólogo francês Émile Durkheim nasceu em 1858 e faleceu em 1917, deixando um legado importante para a Sociologia e para a ciência educacional. Durkheim foi autor de várias obras que, até os dias atuais, têm contribuições relevantes para o campo da educação, bem como para o estudo da sociedade e da

metodologia da ciência¹. Assim, selecionamos a obra *Educação e Sociologia* (1892), pois é a que melhor resume as posições de Durkheim sobre a questão educacional, inclusive no seu aspecto escolar.

Preocupado com o debate educacional de sua época, Durkheim, em seus discursos, lança a seguinte pergunta: O que é educação? Ao buscar resolver a questão, primeiramente, o autor faz uma crítica ao pensamento filosófico predominante na época. Desse modo, inicia pelo modo de Kant entender a educação:

Segundo Kant, “o objetivo da educação é desenvolver em cada indivíduo toda a perfeição da qual ele é capaz”. Mas o que se deve entender por perfeição? Já foi frequentemente dito que se trata do desenvolvimento harmônico de todas as potencialidades que se encontram dentro de nós, realizá-las de forma tão completa quanto possível, mas sem deixá-las prejudicarem umas às outras – não é um ideal acima de qualquer outro? (Durkheim, 2012, p. 44).

O autor lança uma reflexão sobre os objetivos da educação e logo faz uma crítica ao entendimento de Kant de que a educação deveria desenvolver a perfeição que cada indivíduo é capaz. Nesse ponto, é importante considerar que Durkheim, preocupado com o desenvolvimento da sociedade capitalista e, consequentemente, com a divisão do trabalho e vida social necessária, coloca em dúvida a perspectiva educacional que objetiva desenvolver as capacidades do indivíduo. Para ele, em uma sociedade complexa e dividida, nem todas as potencialidades de um ser humano podem ser elevadas de maneira semelhante. “Não podemos nem devemos todos nos devotar ao mesmo gênero de vida; dependendo das nossas aptidões, temos funções diferentes a desempenhar, e é preciso estar em harmonia com aquela que nos incumbe” (Durkheim, 2012, p. 44).

A crítica de Durkheim aos princípios kantianos se constitui ao entender que a educação escolar deveria se voltar para a vida em sociedade e para as exigências da produção industrial, seja no aspecto de qualificação, seja no de vivência social. Assim, o teórico aponta que cada pessoa ocupa função diferente na sociedade, porém, todos são dependentes uns dos outros. Isso nos faz repensar nossas ideias sobre o que é uma educação perfeita e nos desafia a considerar a formação do indivíduo em relação ao social.

¹ Nesse sentido, podemos citar algumas obras: *Divisão do Trabalho Social* (1893), *A Educação Moral* (1925) e *Sociologia e Filosofia* (1929).

Outro aspecto que Durkheim critica é o objetivo da educação exposto por James Mill, que seria: “[...] transformar o indivíduo em um instrumento de felicidade para si mesmo e seus semelhantes [...]” (Durkheim, 2012, p. 45). Diante disso, ele argumenta que “[...] a felicidade é uma coisa essencialmente subjetiva que cada um estima da sua maneira” (Durkheim, 2012, p. 45).

Para embasar a sua argumentação, Durkheim cita exemplos de modelos educacionais nas pôlis gregas e latinas, na Roma antiga, na Idade Média e no Renascimento, ressaltando que não existe uma educação ideal. Para ele, “[...] cada sociedade, considerada em determinado momento de seu desenvolvimento, tem um sistema de educação que se impõe aos indivíduos como uma força geralmente irresistível” (Durkheim, 2012, p. 47-48). Segundo Durkheim (2012),

Por exemplo, no regime de tribo, a característica principal da educação é ser difusa, dada sem distinção por todos os membros do clã. Não há professores designados e nem supervisores especiais encarregados de formar jovens. São todos anciãos, é o conjunto das gerações anteriores que desempenha este papel. [...] em outros lugares, como, por exemplo, nas pôlis gregas e latinas, a educação fica dividida numa proporção, variável conforme as pôlis, entre o Estado e a família. Nada de casta sacerdotal. É o Estado que substitui a vida religiosa. Logo, visto que ele não privilegia a meditação, mas sim a ação e a prática, é fora dele e, consequentemente, fora da religião que a ciência nasce quando surge a necessidade. Os filósofos e sábios da Grécia são sujeitos laicos. A própria ciência adquire então rapidamente uma tendência antirreligiosa. Do ponto de vista que nos interessa, o resultado é que a instrução também adquire um caráter laico e privado assim que surge. O *grammateus* de Atenas era um simples cidadão, sem ligações oficiais ou caráter religioso (Durkheim, 2012, p. 80-81).

Em outros termos, a educação é histórica e, desse modo, se constitui segundo o interesse da sociedade e não do indivíduo. Seguindo nesse raciocínio de que a educação é um fato social e histórico, Durkheim destaca a importância de analisar a educação em relação à história da humanidade, de modo a encontrar similaridades: “[...] para definir a educação, é preciso, portanto, levar em consideração os sistemas educativos que existem ou já existiram, compará-los e identificar os aspectos em comum” (Durkheim, 2012, p. 49). Nesse sentido, ele pressupõe que a educação corresponde à sociedade, sendo função do sociólogo da educação encontrar o elemento comum: a lei natural que está presente em todas as épocas e tipos de organização social.

A fim de encontrar a definição do que é educação, o sociólogo ressalta que “[...] para que haja educação é preciso que uma geração de adultos e uma jovem se encontrem face a face e que uma ação seja exercida pelos primeiros sobre os segundos. Resta-nos definir a natureza desta ação” (Durkheim, 2012, p. 50). Segundo em suas observações, o teórico ainda enfatiza que

[...] cada sociedade elabora um ideal de homem, ou seja, daquilo que ele deve ser tanto do ponto de vista intelectual quanto físico e moral; que este ideal é, em certa medida, o mesmo para todos os cidadãos; que a partir de certo ponto ele se diferencia de acordo com os meios singulares que toda a sociedade comprehende em seu seio (Durkheim, 2012, p.52).

Em acréscimo, expõe que

A educação é a ação exercida pelas gerações adultas sobre aquelas que ainda não estão maduras para a vida social. Ela tem como objetivo suscitar e desenvolver na criança um certo número de estados físicos, intelectuais e morais exigidos tanto pelo conjunto da sociedade política quanto pelo meio específico ao qual ela está destinada em particular (Durkheim, 2012, p. 53-54).

Para Durkheim (2012), a educação tem de ocorrer por intermédio de uma organização e método “[...] socialização metódica das novas gerações” (Durkheim, 2012, p.54), pelo fato de que a criança, ao nascer, tem consigo apenas as marcas da hereditariedade, porém, com o passar do tempo, vai adquirindo aprendizados e potencialidades. Na sequência, o teórico ainda afirma que “A educação é a ação exercida nas crianças pelos pais e professores. Esta ação é constante e geral” (Durkheim, 2012, p. 74).

Segundo o sociólogo francês, a educação vai conduzindo os homens ao abandono de sua condição de natureza inicial. Esse processo educativo, que à primeira vista parece exercer tirocínio sobre os mais jovens, é indispensável para dirigir a sociedade “a fins mais elevados”, benéficos para todos (Durkheim, 2012, p.70-71).

A autoridade do professor, segundo Durkheim (2012), não seria no sentido de controlar ou de ordenar, e sim de trazer o espírito de liberdade, o qual, para o teórico, deriva da “autoridade bem aplicada”, haja vista que ser livre “[...] significa ter autocontrole e agir guiado pela razão e cumprir o seu dever” (Durkheim, 2012, p. 73).

Buzin e Favoreto (2022) abordam o pensamento de Durkheim da seguinte maneira:

[...] por intermédio da sua ação na educação escolar, o professor teria a função de adequar a criança às necessidades da sociedade, e assim contribuir para com a constituição de uma harmonia social, o que possibilitaria a contínua evolução da ordem social (Buzin; Favoreto, 2022, p. 59).

De modo geral, nas suas diferentes afirmações, Durkheim (2012) pressupõe que a educação é um instrumento de transmissão de aptidões necessárias à vida social e, consequentemente, ela se torna de interesse da sociedade ou vice e versa. Assim, idealizando atingir uma relação harmônica na vida social, ele afirma que a educação deveria ser organizada e financiada pelo Estado, que deveria gerir da educação escolar, de modo que ela pudesse repassar os conhecimentos científicos necessários para formar os diferentes especialistas da produção, mas também uma formação moral única, formando o cidadão com compromisso público e sentimento nacional. Desse modo, o autor pressupunha que a educação poderia formar um novo ser no homem; não mais o homem egoísta, e sim o ser social.

No que se refere à Pedagogia, Durkheim compreendia que era distinta da Educação e, nesse aspecto, não se constituía como ciência, pois se limitava em uma “arte”. Em suas palavras,

Podemos dizer que é uma arte? Parece que sim, pois normalmente não se vê intermediário entre estes dois extremos, e atribui-se o termo “arte” a todo produto de uma reflexão que não é ciência. Porém, isto significa estender o sentido da palavra “arte” a ponto de incluir nele coisas muito diferentes. De fato, também chamamos de arte a experiência prática adquirida pelo professor em contato com crianças e no exercício da sua profissão. Ora, esta experiência é manifestamente algo muito diferente das teorias do pedagogo (Durkheim, 2012, p. 83).

Para o sociólogo,

Uma arte é um sistema de maneiras de agir adequadas a fins especiais e resultantes ou de uma experiência tradicional transmitida pela educação ou da experiência pessoal do indivíduo. Só se pode adquiri-las mexendo com as coisas sobre as quais a ação deve ser exercida e agindo por si mesmo. Sem dúvida, pode acontecer de a arte ser guiada pela reflexão, mas a reflexão não é um elemento

essencial à arte, visto que ela pode existir sem esta última (Durkheim, 2012, p. 85).

A partir do exposto, Durkheim (2012) também destaca o papel do pedagogo:

[...] o pedagogo não tem de construir de alto a baixo um sistema de ensino, como se já não existisse um antes dele, devendo, ao contrário, empenhar-se, sobretudo em conhecer e compreender o sistema de sua época – esta é a condição para que ele esteja apto a usá-lo com discernimento e julgar o que pode estar errado nele (Durkheim, 2012, p. 91).

Para o autor, compreender um sistema de ensino também implica uma ação diagnóstica para poder modificá-lo em uma perspectiva futura: “É importante conhecer bem estas aspirações para poder estimar que lugar convém lhes atribuir dentro da realidade escolar” (Durkheim, 2012, p.15). Entretanto, o sociólogo enfatiza que “Só a história do ensino e da Pedagogia permite determinar as metas que a educação deve buscar a todo o momento. No entanto, é na Psicologia que cabe procurar os meios necessários à realização destas metas” (Durkheim, 2012, p.15).

O teórico também ressalta a importância da Psicologia, auxiliando o pedagogo a se situar em meio à multiplicidade, em razão de que “[...] nenhum método pode ser aplicado da mesma maneira nas diferentes crianças, é mais uma vez a Psicologia que deve nos ajudar a nos situar em meio à diversidade de inteligências e carateres” (Durkheim, 2012, p.96).

Na terceira e última parte do livro, Durkheim (2012) descreve desta maneira a relação entre a Pedagogia e a Sociologia:

De fato, na minha opinião, o postulado de toda investigação pedagógica é a tese de que a educação é uma coisa eminentemente social, tanto por suas origens quanto por suas funções e que, logo, a Pedagogia depende mais da Sociologia do que qualquer outra ciência (Durkheim, 2012, p. 98).

O autor ressalta que é preciso observar a influência da sociedade na formação humana, pois ela contribui para o tipo humano e para o modelo de educador, construção que se dá de acordo com as suas necessidades:

O homem que a educação deve realizar em nós não é o homem tal como a natureza criou, mas sim tal como a sociedade quer que ele seja; e ela quer que ele seja da forma exigida pela sua economia

interior. A prova disto é a maneira como a concepção do homem variou conforme as sociedades (Durkheim, 2012, p.107).

Na visão desse teórico, o papel da educação é muito importante para a sociedade, visto que ela

[...] satisfaz acima de tudo necessidades externas, ou seja, sociais, é que existem sociedades e que, estas qualidades não foram absolutamente cultivadas e que, em todo caso foram compreendidas de modo muito diferentes, dependendo das sociedades. Nem todos os povos reconheceram as vantagens de uma sólida e cultura intelectual (Durkheim, 2012, p. 112).

Os métodos educativos, em sua visão, sempre se transformaram a partir de correntes sociais que repercutiram em um âmbito da vida coletiva. A da estrutura social durante o Renascimento, por exemplo, a com então nova concepção de homem, pode servir de ilustração: a mudança metodológica, da abstração para o intuitivo. Em suas palavras,

[...] todas as vezes em que o sistema de métodos educativos foi profundamente transformado, foi sob a influência de uma daquelas grandes correntes sociais cuja ação repercutiu em todas as áreas da vida coletiva. Não foi em função das descobertas psicológicas que o Renascimento opôs todo em conjunto de novos métodos aos que a Idade Média utilizava. O que aconteceu foi que, como consequência de mudanças ocorridas na estrutura das sociedades europeias, uma nova concepção do homem e do seu lugar no mundo acabou surgindo (Durkheim, 2012, p. 117-118).

Durkheim (2012) encaminha o encerramento de seu livro chamando a atenção de maneira relevante da necessidade de os educadores estudarem a sociedade e compreenderem a cultura sociológica. Para ele, a Sociologia pode fornecer um “corpo de ideias diretivas” que se constituem como “alma de nossas práticas” (Durkheim, 2012, p.120). No mesmo sentido, a Psicologia instrumentalizaria o professor para conduzir o ensino. De forma ampla, para Durkheim, a educação com base científica contribuiria com o desenvolvimento da sociedade. Entretanto, tal pressuposto não implicaria um rompimento com o modelo capitalista, mas, antes de tudo, uma reforma moral, de modo a estabelecer a harmonia social.

Na seção seguinte, centramo-nos em explorar o conceito de educação nos escritos de Antonio Gramsci.

3 GRAMSCI E FORMAÇÃO DE INTELECTUAIS EM DIVERSAS SOCIEDADES

O italiano Antonio Gramsci nasceu em 1891 e faleceu em 1937; foi jornalista, filósofo e escritor. Em 1926, foi preso pelo regime fascista italiano, permanecendo preso até o final de sua vida. Na prisão, realizou estudos e escreveu cartas aos parentes e amigos, tecendo considerações sobre política, história, filosofia, cultura, educação etc. Posteriormente à sua morte, suas cartas foram organizadas por Palmiro Togliatti² e publicadas com o nome *Cadernos do Cárcere*. Segundo Nascimento e Favoreto (2022), os primeiros cadernos de Gramsci só foram publicados na Itália após o final da Segunda Guerra Mundial. Pela publicação do pensamento Gramsciano, Togliatti esperava realizar uma ação educativa e pedagógica, tanto com relação aos intelectuais como à massa italiana em geral.

No que se refere à educação escolar, o *Caderno 12* ocupa um papel de destaque, pois nele encontramos o entendimento do autor italiano sobre o papel dos intelectuais e da educação no desenvolvimento histórico, bem como a sua opinião sobre a reforma educacional que estava em debate na Itália no início da década de 1930.

Em suas considerações sobre os intelectuais, Gramsci aponta que todo grupo social forma para si, organicamente, uma ou mais camadas de intelectuais, ao passo que, historicamente, também há os intelectuais preexistentes, os quais prestam serviços de intelectuais. Nesse aspecto, o autor define duas categorias de intelectuais: a orgânica³ e a tradicional⁴. Para ele,

1) Todo grupo social, nascendo no terreno originário de uma função essencial no mundo da produção econômica, cria para si, ao mesmo tempo, organicamente uma ou mais camadas de intelectuais que lhe dão homogeneidade e consciência da própria função, não apenas no campo econômico, mas também no social e político: o empresário

²Togliatti foi substituto de Gramsci na direção do partido Comunista Italiano e foi representante do Partido na Internacional Comunista. Em disputa jurídica com a família Schucht (esposa e cunhada de Gramsci), ganhou o direito de publicar os escritos de Gramsci. Para mais informações, consultar Nascimento e Favoreto (2022).

³ Os intelectuais orgânicos emergem diretamente das classes sociais, especialmente das trabalhadoras, articulam e consolidam os interesses e valores de sua classe, atuando como mediadores entre a sociedade civil e o Estado, desempenhando funções organizativas e conectivas essenciais (Santos, 2009).

⁴ Os intelectuais tradicionais, muitas vezes, ocupam posições de poder e de autoridade na sociedade, tendendo a perpetuar a ideologia e as estruturas de poder existentes, o que pode incluir figuras como políticos, acadêmicos influentes, líderes religiosos e outros (Santos, 2009).

capitalista cria consigo o técnico da indústria, o cientista da economia política, o organizador de uma nova cultura, de um novo direito, etc.,etc.[...]2) Todo grupo social “essencial”, contudo, emergindo na história a partir da estrutura econômica anterior e como expressão do desenvolvimento desta estrutura, encontrou, - pelo menos na história que se desenrolou até nossos dias – categorias intelectuais preexistentes, as quais apareciam, aliás, como representantes de uma continuidade histórica que não foi interrompida nem mesmo pelas mais complicadas e radicais modificações das formas sociais e políticas (Gramsci, 2010, p. 15-16).

Entretanto, apesar da definição, Gramsci (2010) pontua que os estudos existentes sobre a questão cometiam um erro ao tentarem definir o papel dos intelectuais pelas atividades desenvolvidas. Em um sentido mais amplo e complexo, o autor se propõe discutir a questão pensando o papel da cultura no processo de organização-transformação histórica. Por esse viés, ao passo que amplia o significado de intelectual, incluindo todos os seres humanos como tais, por outro, adverte que nem todos exerciam a função de intelectual. Assim, Gramsci (2010) afirma que

[...] seria possível dizer que todos os homens são intelectuais, mas nem todos os homens têm na sociedade a função de intelectuais. (assim, o fato de que alguém possa, em determinado momento, fritar dois ovos ou costurar um rasgo no paletó não significa que todos sejam cozinheiros ou alfaiates). Formam-se assim, historicamente categorias especializadas para o exercício da função intelectual; formam-se em conexão com todos os grupos sociais, mas sobretudo em conexão com os grupos sociais mais importantes, e sofrem elaborações mais amplas e complexas em ligação com o grupo social dominante (Gramsci, 2010, p.18-19).

Para o filósofo italiano, existem graus diferentes na função de intelectual, entre os quais os mais altos têm a capacidade de compreender, de produzir significados, de comunicar e de influenciar as massas. Desse modo, os mais altos graus de intelectuais poderiam ter um papel mais influente na luta política. Decorre disso a compreensão de que o intelectual, em seu mais alto grau, também seria importante e necessário para as classes subalternas para organizar e exercer a sua luta política.

Seguindo a reflexão sobre o papel do intelectual, Gramsci discute o papel da cultura no processo histórico. Ele entendia que a cultura marxista, como filosofia da práxis, poderia possibilitar o entendimento da realidade em suas contradições sociais e, mesmo que subjetivamente, poderia apontar para as possibilidades de superação da sociedade capitalista. A visão sobre a luta cultural e a ação dos intelectuais, na

medida em que absorve o pensamento marxiano na perspectiva de uma ação transformadora do mundo, traz uma nova tonalidade ao ideal de superação da sociedade capitalista. Gramsci (2010), ao retomar a perspectiva do materialismo dialético pela filosofia da práxis, indica a possibilidade de agir culturalmente por meio de um trabalho político-pedagógico.

É por essa visão que entra em questão a relação entre infraestrutura e os diferentes níveis da superestrutura, sendo o Estado⁵, a Sociedade Civil⁶ e a filosofia da práxis camadas da superestrutura. Tais camadas, mesmo que fundamentadas na infraestrutura, estariam em constante movimento, permeadas por contradições sociais e atravessadas por interesses diversos, dentre as quais a filosofia da práxis poderia se transformar em reação e força política, podendo modificar a estrutura. Essa visão com relação à capacidade da filosofia da práxis se sustentaria em sua compreensão do materialismo histórico e dialético, o qual, ao se firmar nas categorias de análise do materialista dialético⁷, não se traduzia em um simples idealismo, mas, pela dialética, poderia transformar o social.

Seguindo nessa compreensão, Gramsci (2010) entende que a educação escolar seria estratégica na formação de novos intelectuais, porém, não poderia se fazer pela antiga escola da oratória e nem estar limitada à qualificação profissional, mas deveria se constituir por uma escola de formação ampla. Nesse aspecto, o teórico defende a constituição da Escola Única, que poderia formar e instrumentalizar todas as classes para o trabalho e para a política, porém, não de forma separada, mas, ao contrário, trabalho e política se unificariam.

Por esse viés, a escola é vista como um instrumento político. Na medida em que a escola deveria buscar a formação técnica e o aprimoramento das especialidades necessárias para os diversos ramos da produção, também poderia trazer uma formação cultural ampla, de modo a instrumentalizar as classes subalternas no entendimento da história, da sociedade e na busca por uma nova

⁵ Para Gramsci, o Estado é a própria sociedade organizada de forma soberana. “A sociedade é assim vista como uma organização constituída de instituições complexas, públicas e privadas, articuladas entre si, cujo papel histórico varia por meiodas lutas e relações de grupos específicos e poderes, que se articulam pela busca da garantia da hegemonia dos seus interesses” (Silva, 2015, p. 9).

⁶A sociedade civil é o conjunto de organismos designados vulgarmente como “privados”, já a sociedade política contém o que Gramsci chamou de domínio direto. Essas duas sociedades são as que organizam e conectam (Lima, 2013).

⁷Segundo Favoreto e Galter (2020), o materialismo histórico e dialético, ao contrário do positivismo, que busca definir o objeto por sua essência, utiliza-se destas categorias de análise: contradição, movimento, mediação e superação.

hegemonia e/ou nova visão de mundo (Gramsci, 2010). Em outros termos, Nascimento e Favoreto (2018) pontuam:

A educação em Antonio Gramsci se constitui em um dos privilegiados instrumentos para a transformação da sociedade. Embora não seja a escola da nova ordem social, é ela, a escola que está em construção. As mudanças na vida social de um país, passam, necessariamente, pela escola, mesmo a escola burguesa, e serão, posteriormente, complementadas na ação prática da militância partidária. Desse modo, o proletariado terá, também, seus intelectuais orgânicos, os quais, compreendendo a sociedade em toda sua complexidade, mais do que trabalhadores especializados, poderão analisar criticamente sua realidade, de modo a encontrar possibilidades para a transformação social (Nascimento; Favoreto, 2018, p. 268).

No contexto gramsciano, o termo “projeto orgânico” se relaciona a uma estratégia ou a um plano amplo elaborado por um grupo social ou político determinado, visando alcançar e preservar a sua hegemonia na sociedade. Esse projeto não se limita apenas ao domínio político, mas também abrange a influência cultural e ideológica sobre a sociedade como um todo. Assim, segundo Gramsci (2010), seria necessário

[...] elaborar sobre isso um projeto orgânico sistemático e argumentado. Registro das atividades de caráter predominantemente intelectual. Instituições ligadas à atividade cultural. Método e problemas de métodos de trabalhos intelectual e cultural, seja criativo ou divulgativo. Escola, academia, círculos de diferentes tipos, tais como instituições de elaboração e colegiada da vida cultural. Revistas e jornais como meios para organizar e difundir determinados tipos de cultura (Gramsci, 2010, p. 32).

Além disso, Gramsci (2010) apresentou a ideia da criação de uma escola que oferecesse uma educação integral e unificada, adaptada às necessidades e às capacidades dos alunos, permitindo-lhes explorar plenamente seus talentos e potenciais individuais. A escola unitária buscaria uma formação que ultrapasse a mera instrução, abordando tanto os conteúdos acadêmicos quanto os aspectos éticos, culturais e sociais. Para o filósofo italiano,

[...] uma solução que, racionalmente, deveria seguir esta linha: escola única inicial de cultura geral, humanista, formativa, que equilibre de modo justo o desenvolvimento da capacidade de trabalhar manualmente (tecnicamente, industrialmente) e o desenvolvimento das capacidades de trabalho intelectual. Deste tipo de escola única,

através de repetidas experiências de orientação profissional, passar-se-á a uma das escolas especializadas ou ao trabalho produtivo (Gramsci, 2010, p. 33-34).

Segundo Gramsci (2010), a responsabilidade pelas escolas unitárias seria atribuída ao Estado, assim o autor escreve:

[...] Estado possa assumir as despesas que hoje estão a cargo da família no que toca à manutenção dos escolares, isto é, requer que seja completamente transformado o orçamento do ministério da educação nacional, ampliando-o enormemente e tornando-o mais complexo: a inteira função de educação e formação das novas gerações deixa de ser privada e torna-se pública, pois somente assim ela pode abranger todas as gerações, sem divisões de grupos ou castas (Gramsci, 2010, p. 36).

A sua ideia era superar a divisão entre educação elitista e popular, promovendo uma educação que atendesse às necessidades de todas as classes sociais, inclusive formando os intelectuais orgânicos dos partidos das classes subalternas, ao passo que contribuiria com a formação de uma nova cultura e/ou revolução cultural. Desse modo,

[...] na escola unitária, a última fase deve ser concebida e organizada como a fase decisiva, na qual se tende a criar os valores fundamentais do “humanismo”, a autodisciplina intelectual e a autonomia moral necessárias a uma posterior especialização, seja ela de caráter científico(estudos universitários), seja de caráter imediatamente prático-produtivo (indústria, burocracia, comércio, etc.). O estudo e o aprendizado dos métodos criativos na ciência e na vida devem começar nesta última fase da escola, não devendo mais ser um monopólio da universidade ou ser deixado ao caso da vida prática: esta fase escolar já deve contribuir para desenvolver o elemento da responsabilidade autônoma nos indivíduos, deve ser uma escola criadora (Gramsci, 2010, p. 39).

Diante do exposto, é possível destacar que, para Gramsci (2010), a última fase da escola seria fundamental para levar os jovens para a escolha orgânica do trabalho. Por meio dos métodos criativos na ciência⁸, a escola unitária também poderia formar jovens capazes de “[...] pensar, de estudar, de dirigir ou de controlar quem dirige”

⁸O conceito de método criativo nas ciências refere-se a abordagens educacionais que promovem a autodisciplina intelectual, a autonomia moral e a responsabilidade autônoma nos indivíduos. Silva (2016) explora esse conceito que tem por objetivo “[...] potencializar a capacidade dos estudantes na produção e na mobilização autônoma dos saberes formalizados, não apenas no período da formação universitária” (Silva, 2016, p. 176).

(Gramsci, 2010, p. 49). Em outras palavras, pela formação escolar, poder-se-ia abrir a possibilidade de romper com a hegemonia burguesa e instrumentalizar as classes subalternas para lutarem por seus interesses, podendo construírem uma nova hegemonia social.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo teve como propósito refletir sobre a concepção de educação de Émile Durkheim e de Antonio Gramsci, grandes teóricos influentes no debate educacional brasileiro. Destacamos que ambos apresentam visões semelhantes quanto à importância atribuída ao papel da educação escolar na sociedade e, nesse sentido, defendem a necessidade de o Estado assumir a responsabilidade na manutenção do sistema escolar.

Os teóricos em pauta se assemelham na defesa da educação escolar, porém, no que se refere aos fins educacionais, se distanciam. Para Durkheim, a educação seria fundamental para transmitir o conhecimento científico e adequar o indivíduo às normas e aos valores sociais. Para ele, a educação escolar seria essencial para a sociedade moderna, pois contribuiria com o desenvolvimento da ciência e a constituição da harmonia social, resultando em benefício para todos.

Por sua vez, Gramsci define a educação como um campo de luta política, podendo contribuir com a instrumentalização das classes subalternas na compreensão da sociedade e na luta política para a transformação social. Nesse aspecto, defende a constituição da Escola Única, que, pelo método criativo da ciência, formaria os intelectuais orgânicos das classes subalternas para lutarem por seus interesses sociais, podendo romper com a hegemonia burguesa.

Dessa forma, enquanto Durkheim valoriza a educação para manter a união social e a ordem, Gramsci a observa como uma ferramenta para desafiar as estruturas de poder e promover a emancipação das classes subalternas.

Concluímos que essa leitura é essencial na formação atual, pois oferece uma ampla compreensão das diferentes perspectivas sobre o papel da educação na sociedade. Ao mesmo tempo, permite uma reflexão crítica sobre como a educação pode ser utilizada tanto para manter a ordem social quanto para desafiar as estruturas de poder e promover a emancipação das classes subalternas, conforme as visões de Durkheim e Gramsci, respectivamente.

REFERÊNCIAS

- BUZIN, K. dos S. de M.; FAVORETO, A. O Professor e a educação transformadora: contribuições teóricas de Durkheim, Dewey e Gramsci. **Temas&Matizes**, [s. l.], v. 16, n. 27, p. 53-75, 2022. DOI: 10.48075/rtm.v16i27.30302. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/temasematizes/article/view/30302>. Acesso em: 18 jul. 2023.
- DURKHEIM, É. **Educação e Sociologia**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.
- FAVORETO, A.; GALTER, M. I. Teorias da transformação social: paradigmas positivistas e marxistas em debate. **Revista Educere et Educare**, [s. l.], v. 15, n. 34, 2020. DOI: 10.17648/educare.v15i34.23312. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/educereeteducare/article/view/23312>. Acesso em: 20 jul. 2023.
- GRAMSCI, A. **Cadernos do Cárcere**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.
- LIMA, J. P. **Que hegemonia é possível?** Os aparelhos privados de hegemonia. 2013.118 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2013.
- NASCIMENTO, L. do; FAVORETO, A. Émile Durkheim, John Dewey e Antonio Gramsci. **Revista Educação Em Questão**, Natal, v. 56, n. 49, p. 250-273, jul./set. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/educacaoemquestao/article/view/14010>. Acesso em: 18 jul. 2023.
- NASCIMENTO, L. do; FAVORETO, A. Os escritos gramscianos e suas publicações na Itália após a II Guerra Mundial: disputas entre Togliatti e a família Schucht. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, v. 22, n. 00, p. e022030, 2022. DOI: 10.20396/rho.v22i00.8670000. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8670000>. Acesso em: 28 maio 2024.
- SANTOS, J. S. Gramsci e o papel dos intelectuais nos movimentos sociais. **Revista Espaço Acadêmico**, Maringá, v. 9, n. 102, p. 147-153, 2009. Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/7128/4819>. Acesso em: 17 jun. 2024.
- SILVA, M. E. B. R. O estado em MARX e a teoria ampliada do estado em Gramsci. In: COLOQUIO MARX E ENGELS, 8., 2015, Campinas. **Anais** [...]. Campinas: Unicamp, 2015. Disponível em: <https://unicamp.br/cemarx/ANALIS%20IV%20COLOQUIO/comunica%E7%F5es/GT2/gt2m5c5.pdf>. Acesso em: 17 jun. 2024.
- SILVA, R. R. D. da. Currículo, Conhecimento e Transmissão Cultural: contribuições para uma teorização pedagógica contemporânea. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 46, n. 159, p. 158-182, 2016. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/cp/a/dZ3GcBxTstqrRhQgfmdCMxh/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 17 jun. 2024.

DADOS DAS AUTORAS

Francieli Betiate

Mestra em Educação pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). Integrante do Grupo de Estudos e Pesquisas Marxismo e Educação. Graduada em Pedagogia pela Faculdade Assis Gurgacz. Especialista em História e Cultura Afro-brasileira e Africana pela UNIPAN e em Psicopedagogia pela Universidade Positivo. Atua como Professora de Educação Infantil na Secretaria Municipal de Cascavel desde 2012.

ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-7914-8476>
Lattes: <https://lattes.cnpq.br/6854560294726291>
E-mail: fbetiate@gmail.com

Maria Helena da Silva Arceles

Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5009-5795>
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7108204179719125>
E-mail: maria_helenaarceles@hotmail.com

Aparecida Favoreto

Doutorado em Educação pela Universidade Federal do Paraná. Docente Associada da Universidade Estadual do Oeste do Paraná; Professora no Mestrado e Doutorado em Educação e no Colegiado de Pedagogia da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, campus Cascavel. Membro e líder do Grupo de Pesquisa História e Historiografia na Educação (UNIOESTE/CNPq).

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3883-5604>
Lattes: <https://lattes.cnpq.br/3103506424875004>
E-mail: cidafavoreto20@gmail.com